

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE DIREITO

# BOLETIM DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS

VOLUME XXXIX  
1 9 9 6



COIMBRA

# Introdução à Epistemologia e Metodologia Económicas Contemporâneas – O Post-Positivismo\*

SUMÁRIO: 1. – *Introdução*. 2. – *O interdúdio popperiano*: A. – Teorias do crescimento do conhecimento. I) Popper: o falsificacionismo; a análise situacional; II) Lakatos: A metodologia dos programas de investigação científica (M.S.R.P.). B. – A sociologia do conhecimento científico (S.S.K.). I) Kuhn: A estrutura das revoluções científicas; II) Feyerabend: O anarquismo metodológico. 3. – *O pluralismo metodológico*: A. – Caldwell; B. – I) Lawson: O realismo científico; II) Mäki: O realismo essencialista; C. – Mc-Closkey: A retórica económica; D. – Van Frassen: O construtivismo empírico; E. – Boyland e O' Gorman: O holismo causal; F. – O pluralismo metodológico de Caldwell.

## 1. – Introdução

Analisámos, na primeira parte do curso, o positivismo que prevaleceu na Economia no Séc. XIX, atingiu o seu apogeu nos anos trinta deste século e continua a ser aplicado na actualidade, embora em declínio, pela corrente dominante na Economia.

---

\* Lição proferida, em 18 de Janeiro de 1996, no Instituto Superior de Economia e Gestão, no âmbito de um Curso ministrado pelo autor nesta Escola.

Dissemos que a distinção entre economia normativa e economia positiva se deve a Senior.

O positivismo foi seguido pelos economistas do século XIX, Cairnes, Stuart Mill, Neville Keynes (o pai de J. M. Keynes) e salientámos David Hume com a sua guilhotina (o termo é de 1970). Cfr. Blaug [1992] e Nagel [1961].

Esclarecemos que a metodologia descritiva trata do que faz a maior parte dos economistas, enquanto que a metodologia prescritiva se ocupa do que eles deviam fazer para a Economia progredir.

No positivismo, considerámos o positivismo lógico do Círculo de Viena, o empirismo lógico e o operacionalismo.

Fizemos uma anotação mais pormenorizada ao “Ensaio sobre a Natureza e Significação da Ciência Económica”, de Robbins, dado que a sua influência chega aos nossos dias. O positivismo por ele defendido está hoje posto de lado, mas a sua contribuição para a legitimação da teoria económica foi excepcionalmente relevante.

Robbins introduziu três hipóteses fundamentais: a escassez de bens, a existência de uma escala individual de preferências e a presença de mais de um factor de produção, mas não considera outra hipótese fundamental: a do comportamento racional.

Afirmando que uma acção racional implica a ideia de uma acção moral apropriada, exclui da análise económica o princípio da racionalidade e vem confirmar o sentido da Economia “wertfrei”, na acepção de Max Weber. Admite apenas a racionalidade no sentido de consequente. A racionalidade para ele não implica consistência na escolha. Ele admite, e bem, a escassez de meios em relação aos fins, mas não considera a possibilidade da inconsistência dos fins.

Quarenta anos depois, em 1971, Robbins fez uma autocrítica do seu trabalho na sua autobiografia. Embora refutando muitas das críticas sobre a sua obra, admite ter sido

demasiado essencialista. O mesmo faz, em 1979, numa recensão bibliográfica de um livro editado por Latsis, em 1976, com as comunicações do Congresso de Naflian, na Grécia.

Segundo ele, as verdades económicas requerem apenas verificação para averiguar se se aplicam a um caso particular. Foi uma das mais brilhantes defesas do verificacionismo, mas também a última.

Debatemos largamente a contribuição de Hutchinson, um positivista que, em 1938, critica severamente os postulados da Economia ortodoxa de Robbins. A procura de regularidades empíricas que Robbins considera sem interesse é fundamental para Hutchinson. (Caldwell [1994] 99-144 e Blaug [1992] 136-41) Samuelson critica também fortemente Robbins sobre o poder da dedução e o raciocínio "a priori".

O verificacionismo defendido por Robbins junta os austríacos e os escritores ingleses do séc. XIX.

Dos membros do Círculo de Viena, reunidos à volta de Schlick, Carnap, que fora influenciado por Frege, Russel e Wittgenstein, emigra para os Estados Unidos, mas, nos meados dos anos 30, adopta o confirmacionismo. O grau de confirmação é identificado com a probabilidade lógica e esta é definida como a razão das medidas das extensões dos predicados em causa. Carnap obnubilou, em parte, o pragmatismo de James, Dewey e Peirce, mas aquele volta, após Quine, com Rorty, Putman e Davidson (M. M. Carrilho, "Filosofia sem privilégios" [1995], 61-88).

Referimos também o instrumentalismo de Friedman. Distingue, na velha tradição de Senior, a economia normativa da economia positiva e adopta o monismo metodológico para as ciências físicas e sociais, entre as quais a Economia.

Friedman nega que a conformidade dos pressupostos de uma teoria com a realidade forneça um teste de validade diferente, ou adicional, do teste das previsões. Para ele não só não é necessário que os pressupostos sejam realistas como